

9-3-945

A VOZ DUM PROFETA

No livro admirável do Profeta Isaias, está escrita uma página de rara beleza pela serena e majestosa violência da sua linguagem. Recordá-la hoje, no meio das lutas e ambições dos homens, no tumultuar das paixões e da luta dos interesses, no barulho infernal das armas de guerra, e no clamor sempre crescente das bocas sem pão, é como um farol na cerração da noite, a alumiar os corações que buscam a paz.

Dá-nos conta o Profeta do que ouviu um dia da própria boca de Deus, quando o povo de Israel, coberto de cinza e de cilícios, implorava a clemência do Altíssimo nas suas tribulações.

«Clama, não pares de clamar, ergue a tua voz como trombeta, e anuncia ao meu povo as suas maldades e pecados».

E logo a voz profética, no doloroso rol dos crimes do povo, anuncia os motivos pelos quais os ouvidos da Providência se fechavam as súplicas dos penitentes.

De facto vós jejuais, exclama Isaias, mas continuais na mesma com pleitos e contendas, magoais com palavras duras e injustas os vossos semelhantes, oprimis com usuras e extorsões os vossos irmãos mais pobres. Para que serve, nestas condições, o vosso jejum?

Sempre vigoroso e firme, continua o Profeta a admirável lição divina: «O jejum que escolhi é bem diferente. Rompe as ligaduras da tua impiedade, dessa impiedade com que violentas os fracos nos teus contratos, descarrega os fardos que oprime (a palavra hebraica significa descarrega os títulos de dívida referentes a contratos usurários e ganhos ilícitos, diríamos também hoje: cautelas de penhor, etc.), deixa ir livres aqueles que estão quebrantados (quebrantados, na linguagem hebraica, são os pobres que não podem pagar), e quebra toda a espécie de jugo».

Mas, como tudo isto não excede ainda os limites dos deveres negativos, dever de não oprimir, de não explorar a miséria ou a necessidade alheia, de não fazer contratos onerosos nem cometer injustiça nos negócios, de não enriquecer a custa da impossibilidade que têm os fracos de se defenderem, de não tomar em proveito próprio ou dos amigos a mais pequena parcela do que é destinado a socorrer os famintos — como tudo isto não excede ainda os limites dos deveres negativos, muito mais é necessário fazer para que sejam dignas de chegar aos ouvidos do Senhor as nossas orações.

E então Isaias, na suave beleza do seu estilo, mostra ao seu povo os caminhos da paz: «Prepara o teu pão com os famintos, e recolhe em tua casa aos pobres e aos peregrinos. Se te vires no teu caminho algum nú, cobre-o e não desprezes a tua carne no teu semelhante. Então romperá como aurora diante de ti a luz divina...»

«Quando tirares do meio de ti a cadáver com que oprimes o teu próximo, deixares de desprezar os pequenos e de falar com língua iníqua e murmuradora; quando abrires as tuas entranhas para o pobre em aflicção e saclares a sua alma atribulada, nascerá nas trevas a tua luz e a tua luz brilhará como o meio-dia. E o Senhor te dará sempre a paz e encherá a tua alma de esplendor».

Mais tarde, a doutrina do Sermão da Montanha iria reforçar os clamores do Profeta, e o apóstolo S. João, resumindo todos os ensinamentos do Mestre, haveria de escrever aos seus discípulos: «assim como Cristo deu a sua vida por nós, assim devemos nós dar a nossa vida pelos nossos irmãos».

A sociedade em que vivemos diz-se cristã. Por toda a parte se apreçoam as beneficências da civilização saída do cristianismo...

Mas, a olhar de perto a vida social, poderá alguém afirmar que são praticados os ensinamentos do Profeta, as lições do Sermão da Montanha, a doutrina da águia de Eféso? O Evangelho no entanto não mudou, como não mudaram as Escrituras. O cristianismo é sempre o mesmo. A mesma fome e sede de justiça, a mesma fome e sede de misericórdia e de perdão. Tudo o resto de nada vale, tudo o resto é um corpo sem alma.

Para além de todo o culto, de toda a penitência, de todas as afirmações, uma vida tem de viver-se na comunhão de sentimentos, na união das almas como na união da vida social.

Irmãos uns dos outros, onde está a prova desta fraternidade? Nos campos de batalha? Na destruição das cidades e das aldeias? Nas crianças esfarrapadas e sujas que encontramos por toda a parte? Na insensibilidade com que estadia o luxo por entre os farrapos, já não de vestuário, mas de corpo?

Faz bem recordar a voz do Profeta e fazer ressoar, neste nosso século de egoísmo, barbaridades, dureza de coração, a trombeta da justiça, da misericórdia que um dia ecoou pelas montanhas da Judeia.

Pudessem, ao menos, ouvi-la todos aqueles que se dizem cristãos. Pudessem, ao menos, reviver a vida heroica e máscula dos seus antepassados na fé, quantos acorrem hoje aos templos sagrados a fazer oração.

O tempo da quaresma é bem propício para este apelo, porque o je-

jum, que a Igreja impôs aos seus fiéis, tinha mais uma função social do que de purificação individual. O sentido desse preceito era, efectivamente, o de reforçar nos cristãos o cumprimento das obras de misericórdia. Pela lei geral, todo o ano somos obrigados a despejar no seio dos pobres o nosso superfluo. Pela lei do jejum já não é apenas o superfluo mas o necessário, que somos obrigados a dar-lhes. Sempre, com efeito, se entendeu na comunidade de cristã que o jejum consistia: em privarmo-nos durante a quaresma de uma refeição diária para que ela seja o alimento dos pobres. A refeição prepara-se na mesma. Mas a nossa privação, o nosso sacrifício vai alimentar aqueles que têm fome.

Esquecida a moral social cristã desprezada até por muitos, parecemos, neste mar de fogo em que vive o mundo, o único caminho da paz.

«Quando abrires as tuas entranhas para o pobre em aflicção e saclares a sua alma atribulada, nascerá nas trevas a tua luz e a tua luz brilhará como o meio-dia», escreveu o Profeta.

Ainda hoje nada perderam de valor estas palavras que ninguém quer ouvir. Talvez, por isso mesmo, o meio-dia da nossa civilização se sepultada ainda nas trevas.

ABEL VARZIM.